

Reencontrar-se no som: experiências da diáspora nordestina no Sul do Brasil¹

Tatiane Silva Cerqueira Santos (UFSC/Santa Catarina)

A proposta de trabalho apresentada neste espaço de debate refere-se ao projeto de pesquisa do doutorado intitulado *Reencontrar-se no som: experiências da diáspora nordestina no Sul do Brasil*. A pretensão é estudar as experiências de mulheres e homens de origem nordestina que vivem na região da Grande Florianópolis. O objetivo é conhecer a diversidade de formas de produção de corpos/sujeitos e a organização de coletivos por meio de artes performáticas que envolvem a música e a dança. Assim, são pesquisados os espaços de entretenimento e a participação em manifestações artístico-culturais associadas à cultura afro-brasileira por parte desses migrantes. Pensando essas migrações como mais um desdobramento da diáspora afro-brasileira, busca-se a compreensão do papel da música, da dança e de outras artes performáticas na sociabilidade de mulheres e homens nordestinos no novo contexto de vida. Observa-se que, apesar do preconceito que sofrem neste contexto, é por meio de práticas artístico-culturais que essas pessoas podem enfrentar a lógica imposta sobre seus corpos. Portanto, essas manifestações são entendidas como formas de resistência à imposição de padrões morais, políticos e subjetivos eurocêntricos.

Palavras-chave: migrantes nordestinos; expressões culturais; música; dança.

Esta proposta de trabalho que venho apresentar referente a minha pesquisa de doutorado está atrelada à pesquisa de mestrado (SANTOS, 2020) cujo objetivo foi conhecer as narrativas de baianos e baianas que migraram para Santa Catarina, especificamente, para a região da Grande Florianópolis. A intenção foi responder às seguintes perguntas: por que migraram para o Sul do país? Como vivem na cidade e de que forma são acolhidos pelo estado receptor? Na dissertação, foi feita uma comparação entre as capitais atlânticas Salvador e Florianópolis, fazendo um breve panorama da população negra nestes locais. Argumentou-se acerca dos aspectos diaspóricos que entrelaçam as migrações internas no Brasil, contextualizando-os em diálogo com a questão da identidade e as práticas da colonialidade. Assim, a pesquisa apresentou as formas de organização e circulação dos baianos em diferentes espaços de mobilidade na Grande Florianópolis, como o bairro Bela Vista, em São José, que foi denominado pelos interlocutores e interlocutoras de uma segunda Bahia. Esse lar secundário pode ser visto e percebido a partir das construções e encontros dos baianos por meio da religiosidade, comidas típicas baianas e suas relações com a vizinhança.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Durante o trajeto no campo de pesquisa, foram encontrados nordestinos de diversos estados do Nordeste – Alagoas, Sergipe, Ceará, Piauí, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte –, além dos baianos que foram os sujeitos da pesquisa. Alguns nordestinos/as chegaram a perguntar por que a pesquisa tratava apenas dos baianos, pois também queriam contar suas histórias de vida. Assim, a circulação de pessoas do Nordeste propõe o desafio de pensar na diáspora como uma forma de organização de baianos, cearenses, pernambucanos, alagoanos, maranhenses, piauienses, sergipanos, entre outros – que, por exemplo, vindo para o Sul, realizam no mês de junho festas semelhantes às que são tradicionais no Nordeste, preservando suas particularidades. Algumas dessas pessoas se mobilizaram como produtores culturais e fazem festas com cantores nordestinos na Arena São José² e atualmente no espaço Bela Vista³, no município de São José, para o público nordestino. Os eventos acontecem trimestralmente.

Nesses encontros organizados pela população de nordestinos, foi observado o gênero musical denominado arrocha - parecido com um gênero africano de nome tarraxinha, subgênero musical kizomba tocado nas festas em alguns países do continente africano . De origem angolana, trata-se de uma dança de pares na qual os bailarinos executam movimentos lentos e sensuais. Foi possível conhecer o ritmo por meio de estudantes da Guiné-Bissau que, além de serem alunos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), organizam festas na Grande Florianópolis, em geral, na Sociedade Novo Horizonte, localizada na avenida Beira Mar na capital catarinense. Os encontros entre os africanos costumam ser organizados para comemorar o Dia da Independência de seus países.

Entre os baianos, as atividades festivas também são realizadas para confraternizações de datas representativas ou quando fazem jogo de futebol. E um dos gêneros mais tocados é o arrocha, um gênero musical originário da cidade de Candeias/BA. Ao participar desses eventos, percebe-se o quanto é importante para migrantes de origens diversas a possibilidade de se reunir com outras pessoas da mesma procedência e fazer festas ao som dos gêneros que ouviam nas terras de onde partiram. Foi assim que surgiu a ideia deste projeto para o doutorado.

² É um espaço de esportes localizado no bairro Roçado em São José/SC com espaços para eventos com estrutura de bar, restaurante, banheiros, parque infantil e salão de festa.

³ É uma outra arena com campo de futebol, estrutura para festas, bar, parque para crianças e banheiros localizada no Bairro Bela Vista, São José/SC.

Durante a pesquisa de mestrado, como forma de conhecer mais essa realidade, conversei com pessoas oriundas de estados diferentes da região Nordeste, que vivem na Grande Florianópolis e moram nos bairros Barreiros e Bela Vista, ambos em São José. A escolha por essas regiões de moradia se justifica pela maior oportunidade de empregos nas indústrias e na construção civil.

No caminho que trilhava ao encontro de baianos para acompanhar seus trabalhos em empresas e na Central de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A (Ceasa), próximos aos bairros Bela Vista e Barreiros, encontrei no final de tarde o cearense Gomes. Ele estava na quitanda que vende comida nordestina chamada o Sabor da Bahia, cujos proprietários são baianos. Gomes questionou-me por que eu não abordava nordestinos no geral, pois ele queria contar sua história:

Eu sou ator compositor, abri um bar em Barreiros, me casei com uma catarinense, mas ela não gosta do Nordeste - aí que eu sofro com isso agora não posso nem ir embora daqui por conta das crianças. Viver aqui em época de São João é muito difícil, não posso fazer uma festinha. Fiz uma, ano passado, um forró na Bodega que fica aqui em Barreiros, mas a polícia faz parar logo. Infelizmente, é um lugar em que essa etnia não é aceita. (Gomes, diário de campo, maio de 2018).

Ilton, de 33 anos, residente no Jardim Atlântico, tinha um bar na Rua Santo Antônio em Barreiros e diz:

Tenho 14 anos morando em Florianópolis. Trabalho com eventos e ultimamente percebi com a quantidade de baianos e nordestinos que era interessante organizar shows para a comunidade que reside aqui. Os shows acontecem a cada três meses. Até Pablo, cantor de arrocha, famoso nacionalmente, já veio cantar para comunidade. Eu sou baiano e vim pra trabalhar. (Ilton, diário de campo, maio de 2018).

A partir da investigação de mestrado (iniciada no período de 2018, cuja apresentação do trabalho final se deu antes da pandemia no início de 2020), a ideia era mergulhar no campo começando com a organização das festas dos nordestinos (SANTOS, 2020). Porém, essa proposta inicial mudou depois de um dos encontros promovidos pela professora doutora Maria Eugenia Dominguez (minha orientadora), junto ao grupo de pesquisa Musa – Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe. Na reunião, ocorrida no dia 17 de março de 2021, uma das integrantes, estudante do curso de graduação em Antropologia, apresentou o estudo sobre

o movimento feminino Baque Mulher Floripa – Movimento nacional de empoderamento, de base social política de cultura negra, fundado pela Mestra Joan Darc Cavalcante em 2008, na comunidade periférica do Bode, em Recife/Pernambuco. Durante as conversas com a coordenadora do Baque Mulher, que participou como convidada dessa apresentação, atentei para as questões mencionadas durante a investigação no mestrado sobre o movimento artístico e cultural a partir do protagonismo e da resistência da população afro-brasileira e como estes se dão de formas parecidas nas capitais Salvador/BA e Florianópolis/SC.

Em Salvador, o Pelourinho é base fundamental da “negritude” baiana, espaço relevante no panorama cultural, político e econômico da cidade; por sua vez, em Florianópolis, o protagonismo e a resistência dão-se por meio de espaços de grupos artísticos como Cores de Aidê, Arrasta Ilha, os blocos afros, as escolas de samba e as práticas culturais de matrizes africanas, algumas das quais ganharam a adesão de jovens brancos universitários não oriundos de Florianópolis, como relata Alencar (2009). Vale lembrar que o grupo Arrasta Ilha é um grande difusor da cultura do Maracatu, na Ilha de Florianópolis assim como o Grupo Batukajé, de dança afro, que, aliás, tem como professora e coreógrafa uma mulher nordestina da Bahia que migrou há mais de 20 anos para Florianópolis. O grupo de samba reggae Corês de Aidê tem como membra a antropóloga Cauane Maia, nascida em São Paulo, porém desde bebê criada em Salvador/BA, residente na região da Grande Florianópolis há 13 anos. Cabe mencionar ainda que o Baque Mulher Floripa conta com a presença da artista plástica Sueli, maranhense, que vive há oito anos no estado de Santa Catarina e quatro em Florianópolis.

Portanto, além de pesquisar as festas organizadas por nordestinos, onde se dança ao som de gêneros da indústria musical nordestina, incluirei na análise os espaços de produção artística e cultural negra (como os blocos de samba-reggae, Maracatus, afoxés) presentes na capital catarinense e dos quais também participam muitas pessoas de origem nordestina. Deste modo, a proposta é descrever um leque de espaços de sociabilidades, com características estéticas bastante diferentes, mas que têm em comum o fato de reunir mulheres e homens vindos pro Sul desde os estados do Nordeste. Nesses lugares, por meio de práticas que envolvem música e dança, criam-se formas partilhadas de ser nordestina e nordestino no Sul do país.

Começando o campo

Em outubro de 2021, inicio o campo de pesquisa a partir da minha integração do movimento feminino de Maracatu (o Maracatu de baque virado), o Baque Mulher Florianópolis composto por mulheres negras e também brancas, mas com fundamento na religião de matriz africana. Segundo a mestra Joana, traduzir o Maracatu de baque virado em palavras é um grande desafio, isso porque o som é para ser sentido e não explicado. No entanto, é muito importante reconhecer que o Maracatu é Patrimônio Cultural Imaterial do país e fundamental o seu devido reconhecimento.

Assim, no sentido etimológico da palavra, como explicado no site do Baque Mulher, o ritmo vem do grego *rhythmos* e significa movimento regular, quer dizer, o pulso constante, que, de acordo com Mestra Joana, se assemelha à “batida do coração” – um pulsar forte, ora lento, ora acelerado, e em alguns momentos, o “baque é virado”. Outra característica significativa no Maracatu nação, é o momento em que os integrantes do grupo executam o baque de forma diferenciada dos demais, quando alguns tambores “dobram” a base rítmica da percussão e fazem o que chamam de viração. Uns tambores seguram “o compasso da marcação”, enquanto outros, ao mesmo tempo, “viram” a batida percussiva. Tudo isso acontece numa harmonia singular e ao mesmo tempo plural. Por isso, talvez, não consiga encontrar tradução, pois o Maracatu não se explica.

Vale ressaltar que existem particularidades que também são canções entoadas em diversas manifestações da cultura popular. No Maracatu, a loa (ou toada) faz referência a um canto alternado entre solista e coro, mantendo características dos cantos e textos africanos.

Em conversa com as mulheres que compõem o movimento, confirma-se que realmente não tem explicação para o Maracatu - só sentimento. Para Sueli, a interlocutora maraenhese e aprendiz de gonguê, o Maracatu é cura e ancestralidade. No Baque Mulher, quando iniciaram os encontros presenciais em março de 2022, recebi a função de estandarte, a pedido da coordenadora. O convite foi algo inesperado, mas irrecusável; e isso foi surpreendente já que me considero uma pessoa tímida.

Já em março de 2022, iniciei o campo de pesquisa através de grupos de músicos nordestinos no Whatsapp, baianos, maranhenses, cearenses, sergipanos, entre outros. Acompanhei alguns shows organizados pelo produtor musical Ilton, baiano que, devido à demanda, tornou-se produtor trazendo músicos do Nordeste para shows na Grande Florianópolis e organizando shows locais com os cantores/as nordestinos que residem na região da Grande Florianópolis. Essas apresentações acontecem em fins de semana nos quatros municípios específicos onde há comunidades baianas: Florianópolis, Biguaçu,

São José e Itajaí. Nos shows, a maioria do público presente é nordestino e é possível identificar comunidades nordestinas de diferentes estados, pois os cantores sempre localizam as regiões por meio da chamada do público local.

Em entrevista pelo Google Meet com uma das integrantes da banda de samba reggae Cores de Aidê, composta por mulheres negras e não negras, na cidade de Florianópolis, Maia (2021) conta como foi sua experiência ao se integrar ao grupo. A sua vivência se relaciona com o que Hall (2003) chama de laços com a cultura e o novo lugar.

Foi um reencontro sonoro, primeiro, pois, por muito tempo eu negligenciei o samba reggae e vim recuperar a potência política que o ritmo tem com a minha trajetória com Cores de Aidê também, pois na época que fez sucesso lá pelas décadas de 1990 eu era criança/adolescente já. Mas eu não tinha repertório para compreender as complexidades das músicas, por exemplo o que o Olodum representava e o Ilê Aiyê representava. A gente cantava as músicas que eram as músicas do momento, muitas palavras eram estranhas, aquela música do Farol mesmo... eu não sei se eu entendia o que cantava naquela época, mas quando eu tive oportunidade de entrar no Cores e ver que a gente podia falar sobre mulheres, diversidade, identidade, luta antirracista na música é como se eu tivesse voltado para casa. Era sensação de ter voltado para o lugar que eu não tinha me dado conta de uma importância. Quando eu tinha 14 e 16 anos, fiz parte de uma banda de samba reggae. Depois, quando eu fiz 18 anos, eu fui trabalhar então, meio que era um passado para o qual não dava muita atenção. Assim, era algo sobre o qual não tinha muita preocupação. (Maia, 24 de abril de 2021).

Uma experiência que se relaciona com a de Maia é a da Sueli, que vive em Florianópolis há quatro anos e não perdeu a sua conexão com o lugar de onde veio. Por meio da música, no Movimento Baque Mulher, Sali tentar se curar de algumas violências que enfrentou por conta do racismo na nova região:

Eu me sentia muito sozinha, me sentia fora do meu espaço, realmente não me via. Apesar de ver várias pessoas parecidas comigo, não me sentia pertencida. Então, isso acabou me deixando em uma depressão, assim, as violências que eu estava trazendo dos outros lugares onde morei em Santa Catarina. E aí eu consegui me sentir incluída de alguma forma foi quando eu conheci o Baque Mulher, porque eu sou do Maranhão. Lá, a gente nasce muito rico culturalmente com a cultura latejando saindo pelos poros da gente. De alguma forma, não ter nada aqui que me fizesse essa conexão com a minha terra, na minha cabeça não tinha né, porque eu não conhecia, porque as pessoas eram fechadas, porque tipo o meu corpo, a minha figura ela é uma figura que causa vários questionamentos sabe, assim impactante, né. Aí fui pesquisando né quando a gente chega nos lugares eu tento procurar os meus, eu tento me encaixar. Aí, comecei a pedir ajuda para algumas pessoas negras. (Sueli, 3 de julho de 2021).

As vivências de Maia e Sueli apontam para esses movimentos culturais que se expressam a partir da música e da dança, principalmente por serem músicas e grupos de predominância negra, mas não apenas de negros. Essa ideia aproxima-se do conceito de contracultura proposto por Bauman (1986; 1987) apud Gilroy (2012), que pensa a expressão musical negra como distintiva da modernidade.

A complexidade dessa cultura musical oferece um meio de ir além das oposições correlatas entre essencialistas e pseudopluralistas, de um lado, e entre concepções totalizantes de tradição, modernidade e pós-modernidade, do outro. Ela também fornece um modelo de performance que pode complementar e parcialmente deslocar o interesse pela textualidade. (GILROY, 2012, p. 93).

Assim, a minha proposta de pesquisa busca pensar esses corpos migrantes a partir de suas subjetividades. Elas são verificadas nos espaços onde se atualizam a cultura da diáspora e a estética predominante, que permitem identificar e formar alternativas insurgentes de produção corpo/sujeito, sobretudo, quando comparados com outros espaços de lazer da cidade, não frequentados por nordestinos.

Até o momento, tenho acompanhado o Movimento Feminino Baque Mulher Floripa, Cores de Aidê, os shows organizados pelo baiano Ilton, festas juninas organizadas pelo paraibano Jorge no bairro Agrônômica em Florianópolis /SC, Maracatu Arrasta Ilha, do qual o maranhense Felipe faz parte e se integra também ao coletivo Abayomi de percussão e dança do Oeste Africano.

Pelo fato de ser baiana/nordestina, a minha trajetória no campo certamente se afetará (FAVRET-SAADA, 2005) com os modos de vidas dos nordestinos e nordestinas. Ciente dessa possibilidade, desafio-me a compreender melhor a história de pessoas que deixam sua terra natal e reproduzem seus modos de vida por meio de movimentos artísticos e socioculturais. Assim, proponho seguir essa pesquisa a partir de um “conhecimento desde dentro” - termo que é título do livro da antropóloga Sheila Walker. A autora trabalha com perspectiva “afrogênica” que “enfoca o protagonismo dos africanos e afrodescendentes como criadores de cultura, oferece uma nova imagem dos que construíram o que é o mosaico cultural sul-americano” (WALKER, 2018, p. 34).

Portanto, aderindo à proposta de Evaristo (2020), procurarei escrever a partir da minha realidade enquanto mulher negra, intelectual e pesquisadora, percorrendo a trilha da escrevivência que, segundo Evaristo (2020, p. 30-31) significa que:

Nossa escrivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada.

Nesse caminho, a intenção é conhecer as narrativas de nordestinas e nordestinos a partir das experiências diaspóricas, por compreender a diáspora como um encontro de elos e não fragmentos isolados, devido às vivências dos afrodescendentes e como elas se interligam em diversos países, não só pelo contexto do período escravocrata, sobretudo, mas também por outros aspectos culturais. Trata-se de práticas que proporcionam felicidade, por meio de comidas, festas, instrumentos, músicas, danças e religião (WALKER, 2018).

Tendo ainda como referência as ideias de totalidade de sociedade localizada em Augé (1994), pretendo um engajamento a partir de um diálogo entre cultura, sociedade e as relações das sujeitas e dos sujeitos migrantes do Nordeste, em diferentes lugares. Quero ir ao encontro dos e das migrantes que se reuniram em grupos culturais na região, como o Baque Mulher, Arrasta Ilha, Cores de Aidê, Africatariana, entre outros.

Além disso, importa pensar esse trabalho a partir da perspectiva diaspórica da cultura proposta por Hall (2003) como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação, e do que o autor propõe como processos globalizantes, da globalização cultural, da desterritorialização e seus efeitos. É relevante ainda levar em conta como ponto de análise as compreensões de espaço e tempo, que são impulsionadas pelas novas tecnologias que suavizam os laços entre a cultura e o “lugar”.

De acordo com Sodré (2017, p. 21), “o modo afro de pensar é tão só uma modulação (tal qual, na música, um tom se modula para outro) da paixão de compreender o mundo e cosmo”. Para o autor o pensamento nagô reverbera em um constructo teórico, pois remete a outras formações étnicas presentes na diáspora no Brasil, a partir das reinterpretações de patrimônios simbólicos africanos, o que permite instituir formas de agir e existir.

Segundo Gilroy (2012), em tempos de escravização com a impossibilidade de se alfabetizar, as pessoas escravizadas tinham o refinamento compensatório na arte musical, pois a música tinha um poder de propor um mundo melhor. Nos desenvolvimentos das lutas negras, através da comunicação de informações, da estrutura da consciência e articulação das formas de subjetividades que surgiram a partir das atuações políticas, “seja

individual ou coletiva, defensiva ou transformadora, exigiram atenção tanto aos atributos formais dessa cultura como à sua base moral distintiva” (GILROY, 2012, p. 93-94).

Penso em uma etnografia com base nos estudos antropológicos da “floresta dos símbolos” de Turner (2005, p. 36) quando o autor descreve as relações dos povos Ndembu no Noroeste da Zâmbia (antiga Rodésia do Norte) no centro Sul da África, que em “qualquer que seja a sociedade na qual vivemos estamos ligados uns aos outros, e nossos ‘grandes momentos são grandes momentos’” para os outros também. Nesse sentido, pretendo me engajar para participar dos grandes momentos, como ensaios, apresentações, reuniões desses grupos culturais onde são integrados migrantes do Nordeste.

Considerações finais

Para esse debate, apresentei apenas ideias preliminares, pois ainda me encontro em campo. A intenção é agregar contribuições nesse espaço de debate para a construção da minha tese. Proponho observar essa migração de nordestinos e nordestinas, na região da Grande Florianópolis, como mais um desdobramento de antigos movimentos migratórios desde o Nordeste do país em direção Sul e Sudeste, contribuindo com os conhecimentos de que dispomos sobre a diáspora afro-brasileira. Curiosamente, podem ser verificadas semelhanças entre as experiências destes migrantes contemporâneos e as descrições de migrações mais antigas que percorreram outros caminhos. Um exemplo é a migração descrita por Moura (1995), sobre a constituição do território africano, no Rio de Janeiro, na região portuária no século XIX, com a trajetória de negros baianos livres, que foram escravizados em Salvador, para o Rio de Janeiro. Esse movimento se constituiu em uma diáspora baiana cuja influência se estendeu por toda comunidade do cais do porto - um dos locais de trabalhos dos migrantes. A comunidade heterogênea de negros e negras impostos à subalternidade se organizava a partir de laços consanguíneos e de forma coletiva para ajudar os que chegavam da Bahia. Essas pessoas se reuniam com diversos talentos artísticos musicais, festivos, esportivos, dramáticos formando, no novo local, um encontro de celebração, que acontecia na casa de Tia Ciata⁴. Vale lembrar que muitas

⁴ De acordo com Moura (1995), Tia Ciata era lembrada em todas as conversas sobre o surgimento do samba carioca e dos ranchos, onde seu nome aparece como Siata, Ciata ou Assiata. Seu nome: Hilária Batista de Almeida, nome afirmado pelos seus descendentes que figura nos livros quando escrito por extenso, mas após seu falecimento, no atestado óbito, está como Hilária Pereira de Almeida. O seu filho João Paulo, em 1949, numa petição para Sócio do Clube Municipal escreve o nome da mãe como Hilária Pereira Ernesto da Silva. Tia Ciata nasceu em Salvador em 1854 no dia de Santo Hilário, no mesmo dia que Hilário Jovino, devido a esse nome uma da razão pela qual tratavam as rodas de “xaru”. É feita no santo ainda adolescente. Do namoro com o conterrâneo Norberto da Rocha Guimarães, nasce Isabel. Em 1876, com 22 anos, vai para o Rio de Janeiro. Foi exatamente na comunidade baiana no Rio de Janeiro que seu

práticas dessa população foram perseguidas e estigmatizadas pela polícia e elite local (como por exemplo o samba, as religiões de matriz africana ou a capoeira) e que, graças à persistência e à resistência dos seus protagonistas, atravessaram a história moderna do país, ganhando contornos positivos nesse processo.

Nessa esteira de pesquisa, acompanho também as ideias de Werneck (2007), para quem é fundamental conhecer as estratégias de sujeitos/as que foram escravizados ou subalternizados para confrontar poderes em diferentes campos da vida social e abrir espaços de liberdade. E vale lembrar que as mulheres, em especial, as mulheres negras, sempre estiveram presentes nesses espaços em construção para a sociabilidade da população negra.

Referências:

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. **Dançando Novas Africanidades**: Diálogos com praticantes do Maracatu e da dança afro em Florianópolis-SC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2009.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs.). Ed. 1. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campos**, São Paulo, v. 13, 2005.

FRUGOLY, Heitor Jr. **Sociabilidade Urbana**. Ciências Sociais. Passo-a-passo 80. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

apelido celebrou o reduto baiano. Morou inicialmente na rua General Câmara, depois mudou-se para rua da Alfândega como conveniência de um dos líderes da comunidade baiana no Rio de Janeiro. Ciata, conhecida pelo espírito forte no Rio de Janeiro, casou-se com João Batista da Silva. A sua crescente sabedoria e talento de liderança e sólidos conhecimentos religiosos e culinários fez com que começasse a trabalhar em casa fazendo doces para vender nas ruas, inicialmente na Sete de Setembro e depois na Carioca, sempre com sua indumentária de baiana e seus preceitos religiosos.

GILROY, Paul. O Atlântico negro como contracultura da modernidade. In: GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34. 2001.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

MOVIMENTO DE EMPODERAMENTO BAQUE MULHER FEMINISTAS DO BAQUE VIRADO. Maracatu de baque virado. Disponível em: <https://baquemulher.com.br/o-Maracatu-de-baque-virado/>. Acesso em 23 ago. 2022.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Documentos de uma Militância Pan-Africanista. São Paulo: Editora Perspectiva / IPEAFRO, 2019.

SANTOS, Tatiane Silva Cerqueira. **Entre fuxicos, crochês e biscuit: tecendo empoderamento das Mulheres Rurais**. Monografia (apresentada ao final do curso de graduação em Estudos de Gênero e Diversidade) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

_____. **DE LÁ PRA CÁ: experiências diaspóricas de baianos e baianas na região da Grande Florianópolis-SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2020.

_____. A Bahia é outro nível: as experiências de migrantes baianos e baianas nos momentos de lazer na região da Grande Florianópolis/SC. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA - REA, MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS E DIÁSPORAS: VIOLAÇÕES DE DIREITOS, 7, Boa Vista (RR). **Anais...** Boa Vista (RR), 2022. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/7rea/479937-GT-1--A-BAHIA-E-OUTRO-NIVEL--AS-EXPERIENCIAS-DE-MIGRANTES-BAIANOS-E-BAIANAS-NOS-MOMENTOS-DE-LAZER-NA-REGIAO-DA-G>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SEEGER, Anthony. **Por que cantam os Kisedje?** Uma antropologia musical de um povo amazônico. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

TORRES, Nelson M. Analítica da Colonialidade: algumas dimensões básicas. In: COSTA, J. B. et al. (Org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019. 365p.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu. Niterói/RJ: EdUFF, 2005.

WERNECK, Jurema Pinto. Da Diáspora Globalizada: Notas sobre os afrodescendentes no Brasil e o início do século XXI. **ONG Criola**, 2003. Disponível em: <http://www.criola.org.br/artigos/Da%20Diaspora%20Globalizada.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

_____. **O samba segundo as Ialodês**: Mulheres negras e cultura midiática. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

WALKER, Sheila. **Conhecimento desde de dentro**: os afro-sul-americanos falam de seus povos e suas histórias. Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.